

**ENTRE FOTOS, FALAS E  
FATOS**

A oficina historiográfica de  
Ana Maria Mauad da  
prática fotográfica à escrita  
videográfica como  
dimensões da experiência  
histórica

**Entrevista**

**Interview**

**Entrevista**

**Fagno da Silva Soares<sup>1, 2</sup>**

**Entrevista realizada com a historiadora Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus, professora do Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal de Fluminense (UFF), referência nos estudos em história oral e história visual no Brasil.**

Recebido em: 30.03.2016. Aceito em: 28.04.2016. Publicado em: 30.04.2016.

<sup>1</sup> Doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre e especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). Líder do CLIO & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória (IFMA). Pesquisador do Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO/USP) e do (GPTEC/UFRJ). E-mail: [fagno@ifma.edu.br](mailto:fagno@ifma.edu.br).

<sup>2</sup> Endereço de contato do autor (por correio): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia). Rua Projetada, s/n, Vila Progresso II, 65930-000. Açailândia - MA, Brasil.

**Ana Maria Mauad**, pesquisadora de reconhecida atuação no *métier* da história visual no Brasil. Seus estudos acerca de temáticas ligadas à História Oral, História Visual, História Pública, com especial interesse à reflexão crítica sobre fotografia e suas ressonâncias nacionais e internacionais. Pós-doutora em História pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP, 2004), doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 1990). Atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em História Social da UFF, conceito máximo pela CAPES. É pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem da LABHOI/UFF, membro da Associação Brasileira de História Oral-ABHO. Ao longo de sua carreira acadêmica publicou mais 50 artigos em periódicos nacionais e internacionais, organizou e/ou publicou 14 livros e aproximadamente 70 capítulos de livros. Esteve em 151 bancas de defesas de dissertações e teses. Orientou 55 monografias de graduação, 68 monografias de especialização, 62 dissertações e teses, tendo supervisionado 10 estágios pós-graduados na UFF. Atuou como professora visitante em instituições internacionais como a University of California e a Universidad de Santiago de Chile. Participa do Conselho Editorial de importantes periódicos nacionais e internacionais na área de história.

FAGNO: Bom dia professora. Inicialmente quero agradecer-lhe, por de modo tão solícito, não hesitou e de pronto concedeu-nos esta entrevista. Assim, devo registrar o grande prazer em entrevistá-la. Penso que podemos iniciar por alguns elementos biográficos que julgue pertinente das motivações que a levaram a escolha pelo ofício de historiadora.

**ANA MAUAD:** Bom dia Fagno, também estou muito contente em poder conversar com vocês. O que me levou a estudar história é algo bem prosaico, pois está associado a escolha de ser professora. Filha de professora, sou a terceira de quatro irmãs todas professoras, o que aponta para a marca da presença materna, sem dúvida. A escolha da disciplina teve também a ver com o período em que eu cursava a escola e o ambiente político de finais da década de 1970, em que apesar a tensão do regime militar já tínhamos vozes dissonantes dentro do ambiente escolar. Entre essas vozes as mais potentes eram, sobretudo a dos professores e professoras de história. Assim na hora de escolher a carreira fiquei entre psicologia, história e química, mas acabei escolhendo a licenciatura em história.

**FAGNO:** Fale-nos um pouco das influências historiográficas que teve durante sua graduação na UFF. Como foi estudar história no ápice da Ditadura Militar? Quais professores exerceram papel importante na sua formação inicial como historiadora? Certamente o marxismo tenha sido a corrente predominantes desta geração, outras correntes coexistiam no departamento de história? Exerceu alguma militância política quando da graduação?

**ANA MAUAD:** Bem, eu entrei para fazer história na UFF em 1979 e saí em 1982, esse período já vivíamos ventos da distensão lenta e gradual. Inclusive com a lei da Anistia e a volta dos exilados políticos, já em 1978 como secundarista, participávamos de shows com a presença de artistas que cantavam músicas censuradas e as manifestações no Centro da cidade do Rio de Janeiro eram reprimidas mas em crescente número. No auge da ditadura, 1970, me lembro da euforia do Brasil Tricampeão do mundo no futebol e o ufanismo em torno do ser brasileiro. Ao longo

do ano de 1979 vivíamos no curso de história da UFF, os debates sobre a reforma curricular e um ambiente de debate intenso e crítico em torno da importância de se estudar história. As escadarias do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, que na época situava-se no Campus do Valonguinho, vivia repleta de gente debatendo e conversando sobre a situação do país. Tive sorte de estudar com professores jovens, que hoje são meus colegas de departamento, e na época eram professores substitutos, os chamados boias-frias, pois tinham contratos temporários sem direitos trabalhistas garantidos. Nesse ano também a ANPUH Nacional se realizou na UFF e podemos assistir a volta de professores que haviam sido afastados durante o regime militar, dentre elas as professoras Maria Yedda Linhares e Eulália Lobo e o professor Ciro Cardoso. A importância do Marxismo na UFF era e ainda é digna de nota, embora nunca tenha sido exclusiva, tendo em vista que a renovação historiográfica dos anos 1970 chegou ao Brasil por meio da tradução de obras, hoje consideradas clássicas, como os três volumes do *Faire l'histoire*, organizados pelos historiadores franceses Jacques Le Goff e Pierre Nora. O ambiente intelectual era muito plural e tínhamos a oportunidade de ler autores de diferentes tendências.

FAGNO: Sua tese de doutoramento desenvolvida no final dos anos 80, *"Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social, na cidade do Rio de Janeiro na primeira"* sob a orientação da Rachel Soihet já demonstrava seu grande interesse pelo uso da imagem como experiência histórica. Como foram os primeiros contatos com a fotografia enquanto elemento da produção histórica? Em um de seus artigos publicados na Revista Interin com o título *"Prática fotográfica e a experiência histórica – um balanço de tendências e posições em debate"* como o título sugere você faz um debate conceitual e balanço historiográfico nos últimos anos dos usos da fotografia como elemento da produção

historiográfica. O que mudou? Quais os atuais desafios dos usos e funções da fotografia como objeto dos estudos históricos?

**ANA MAUAD:** Nos anos 1980 os estudos históricos no Brasil passaram por uma importante renovação, estreitamente associada à emergência dos Programas de Pós-Graduação. Esse movimento, nos permitiu vivenciar um ambiente de experimentação e de valorização da interdisciplinaridade. Eu me lembro que entrei para o PPGH em 1985 com um projeto para estudar a história do ensino para adultos e no segundo ano, depois de participar de um seminário na Funarte intitulado *“Os Sentidos da Paixão”*, achei que poderia trabalhar com a expressão histórica do sentimento por meio das fotografias. Levei a ideia para o Ciro Cardoso, então meu professor de metodologia da história, ele disse para eu esquecer a paixão e ficar com a fotografia. Dito isso, me passou uma lista com dez títulos sobre semiótica e a partir daí comecei a estudar a linguagem fotográfica e investir em uma metodologia histórico-semiótica para trabalhar com a fotografia como fonte para a história. Esse investimento resultou na minha tese de doutorado, que tinha como objeto de estudo, não mais a paixão mas os comportamentos burgueses e os códigos de representação social reconstruídos por meio da mensagem fotográfica.

Em 1990 defendi a tese de doutorado e ao longo dos anos 1990, pude ter acesso ao trabalho de outras pesquisadoras como Solange Lima e Vania Carvalho do Museu Paulista, ou Helouise Costa do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, que também tomaram para si o desafio de trazer a fotografia para a história. Um caminho que não se confunde com outros estudos que se apoiavam, sobretudo, na ideia de uma história da fotografia. O que nós defendíamos, aliás, ainda defendemos, agora em um grupo mais ampliado e consolidado, é a fotografia como experiência

histórica. E o que isso significa? Estudar a sociedade que produz e recebe a fotografia como artefato e representação, a fotografia como prática social, seus circuitos sociais, usos e funções. A fotografia como mensagem, mas também como parte da cultura material, um trampolim para se mergulhar na economia visual de diferentes períodos da história. Hoje os desafios continuam muitos, pois a historiografia sobre o tema ampliou significativamente, entretanto, os caminhos que se apresentam são bem interessantes.

FAGNO: Noutro texto, publicado em parceria com Fernando Dumas no livro Introdução a História Pública organizado pelas também historiadoras Juniele Rabêlo e Marta Rovali, cujo título "*Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: Novos métodos e possibilidades narrativas*" trata em certa medida das dimensões da oralidade na história pública através da escrita videográfica da história ou vídeo-história. Fale-nos um pouco de como os historiadores brasileiros têm recebido e construído a história pública no Brasil. Tem se constituído uma agenda de discussão teórico-conceitual acerca da história pública brasileira? Sabe-se que história pública objetiva difundir o conhecimento histórico para um vasto e variado público, o que pressupõe competências e habilidades específicas para o historiador no trato como da difusão do conhecimento histórico. Assim, quais os desafios mais iminentes da história pública no Brasil? O que é exatamente fotografia pública?

**ANA MAUAD:** Essa pergunta, na verdade, envolve dois assuntos diferentes que podem ou não estarem associados. O primeiro diz respeito ao movimento da história pública no Brasil e a sua relação estreita com a 'militância' da História Oral. Nesse artigo, com o Fernando, consolidamos em texto uma prática que já vinha sendo

implementada nas nossas pesquisas e incentivadas nos Grupos de Trabalho que organizávamos nos encontros de História Oral. Essa prática diz respeito a ideia de escrita videográfica como uma forma de escrever história com palavras e imagens – uma experiência desenvolvida pelo LABHOI, a partir dos anos 2000. Associa-se aos princípios e demandas de retorno a comunidade de entrevistados que participaram da pesquisa. Tanto o retorno à comunidade, quanto a busca de formas narrativas que pudessem dar conta da substância de significação das fontes de memória, abriram espaço para a discussão da dimensão pública dessa operação e da forma como esse tipo de narrativa engajava públicos na produção de um conhecimento histórico ampliado. O segundo assunto, associa-se às minhas pesquisas com a experiência fotográfica e o investimento no conceito de fotográfica pública. Nesse caso, a dimensão pública da fotografia associa-se às agências de produção da imagem fotográfica – Estado, imprensa, instituições e agências de fotografia que instituem um espaço público visual. Relaciona-se também com o espaço de representação política que se torna público por meio da fotografia – como é o caso do fotojornalismo engajado dos anos 1980 e a consolidação de um espaço visual público participativo. Ao mesmo tempo, envolve a prática fotográfica nos mundos da arte que convoca o público – nesse caso expectador – a tomar uma atitude diante do mundo visível. Enfim, busco, como historiadora que sou, a construção histórica de uma noção que nos ajuda a entender a ação de sujeitos, os processos e as posições em jogo na história.

FAGNO: Lembro-me de um outro texto seu publicado na Revista Oral chamado *“Fontes de memória e o conceito de escrita videográfica: a propósito da fatura do texto videográfico Milton Guran em três tempos (LABHOI, 2010)”* cujo objetivo me pareceu entre outras coisas, refletir os desafios do historiador ao operar com a

memória, temática fecunda e por excelência interdisciplinar. Fale-nos de suas pesquisas no campo da memória e história oral, e de seu exercício de escrita videográfica. Quais os desafios institucionais, teórico e metodológicos do historiador ao escolher trabalhar com a escrita videográfica? Ainda existe resistência por parte de algumas colegas mais tradicionais?

**ANA MAUAD:** Creio que essa pergunta, em grande medida, já foi respondida. Assim, cabe ressaltar que a proposta de uma escrita videográfica nos projetos que envolvem a memória de comunidades e/ou indivíduos, deve estar prevista desde o início. O uso da câmera provoca reações diferenciadas, como também expectativas e dificuldades suplementares a pesquisa, desde o direito no uso da imagem, até as formas de arquivamento de imagens em vídeo. É um grande investimento que não deve ser desperdiçado sem um planejamento devido. Portanto, embora eu seja uma entusiasta do audiovisual, há que se cuidar para que o investimento seja feito de forma adequada e condizente com o perfil do projeto. O ideal sempre é trabalhar em parceria com profissionais do cinema sensíveis a narratividade da história e das formas de contá-la.

**FAGNO:** Ainda sobre a história oral. Conte-nos brevemente da chegada, trajetória, avanços da História Oral no Brasil. O que mudou na prática historiográfica com a inserção da história oral? Qual a importância da criação da Associação Brasileira de História Oral - ABHO? Como você definiria a utilização da História Oral em sua trajetória como uma pesquisadora referência na utilização desse procedimento metodológico? Quais desafios nos são colocados? Podemos considerar a história oral como uma metodologia já consolidada no Brasil?

**ANA MAUAD:** Minha atuação no âmbito da história oral associa-se a minha entrada no LABHOI e ao trabalho precursor das professoras Ismênia de Lima Martins e Eulália Lobo no âmbito dos estudos sobre operariado no Rio de Janeiro. Entrei na UFF em 1992 e desde essa época, juntamente com colegas como Paulo Knauss e Mariza Soares que entraram comigo, depois se associaram ao grupo Hebe Mattos e Angela de Castro Gomes, que deram um impulso decisivo ao LABHOI como grupo de pesquisa em História Oral. Desde 1994, com a fundação da ABHO o LABHOI participa daquilo que eu chamo de militância da História Oral. Isso porque a história oral que praticamos é engajada e de vocação declaradamente política, tanto do ponto de vista das pesquisas que desenvolvemos quanto nas estratégias de fomentar a metodologia nos cursos instrumentais da graduação. Creio que hoje a metodologia de História Oral já está consolidada, inclusive, da mesma forma que a visualidade, a oralidade é um problema conceitual que deve ser enfrentado pela pesquisa em seu desenvolvimento. O que isso quer dizer: o recurso a entrevista na pesquisa histórica não deve ser feita de forma acessória como um recurso comprobatório. Muitas vezes conseguimos informações interessantes em uma entrevista, entretanto, o mais interessante é a trama das revelações e a forma como as histórias são contadas e as memórias acionadas por meio do trabalho de rememoração. Esse processo envolve tanto considerar que a fonte histórica é também objeto de estudo, como perceber que o conhecimento produzido é completamente intersubjetivo – é o resultado do encontro de dois sujeitos históricos – o entrevistado e o entrevistador. Avança-se na perspectiva de uma história da memória que se apoia nos sujeitos, processos, suportes e representações ligadas aos usos do passado.

**FAGNO:** Dentre suas muitas atribuições, sabemos que atualmente ocupa a coordenação do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, centro de excelência com destacado papel na formação de historiadores no Brasil. Revele um pouco do cotidiano desafiador de um programa tão grande. A Região metropolitana do Rio de Janeiro concentra um grande número de programas de pós-graduação em História no Brasil UFF, UFRJ (História Social/História Comparada/Profhistória), UERJ, FGV, PUC-RIO, UNIRIO e UFRRJ. Será o Rio de Janeiro a capital brasileira da História?

**ANA MAUAD:** A coordenação do PPGH se faz em dupla, a professora Samantha Quadrat, vice-coordenadora e eu, somos uma equipe que se completa por um time de primeira linha de funcionários que nos apoia com autonomia e eficiência. Nesse sentido, o time enfrenta com coragem o desafio de cuidar de um programa com 66 professores permanentes, 300 alunos entre mestrandos e doutorandos. Entretanto, cabe ressaltar que a estrutura de funcionamento do PPGH, que envolve a dinâmica das comissões com a participação de professoras e professores do Colegiado da Pós, já está estabelecida há alguns anos. Portanto, ao se assumir o cargo, vale a máxima: *time que está ganhando não se mexe*. O que fazemos hoje é administrar com cuidado as demandas do processo de avaliação e ficarmos atentas aos desafios acadêmicos do campo. Creio que o campo dos estudos históricos no Brasil dos últimos dez anos está bem distribuído em termos de centros de referência pelo Brasil. Veja o exemplo da UFPA, que desenvolve pesquisas inovadoras dentro de uma perspectiva local/global, no sul também isso acontece, só para ficar com os dois exemplos extremos regionais. Acho exagero dizer que o Rio é capital da História.

FAGNO: Por fim, comente acerca de seu último livro "*Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*" e seus atuais projetos de pesquisa. Conte-nos de sua atuação como pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem – LABHOI, bem como, suas linhas e ressonâncias.

**ANA MAUAD:** O "Poses" é de 2008 e reúne ensaios que escrevi desde que entrei na UFF, tem o objetivo de consolidar uma trajetória de reflexão e apontar caminhos. De fato, a partir dele enveredei por projetos de pesquisa que apresentam coerência na abordagem, mas diversidade na temática. Atualmente, desenvolvo a pesquisa "Fotografia Pública: usos, funções e circuitos sociais no Brasil, séculos XIX e XX", com atuação de bolsistas de IC, mestrado e doutorado. Além disso, estamos concluindo o projeto Temático da FAPERJ **História Pública, Memória e Escravidão Atlântica no Rio de Janeiro**, que reúne pesquisadores do NUPHEC da UFF e NUMEN da UNIRIO. Nesse projeto destaca-se a relação estreita entre a produção do conhecimento histórico com fontes de memória e o engajamento das comunidades que participam desse processo. Vale conferir o resultado de nossos projetos em: [www.labhoi.uff.br](http://www.labhoi.uff.br)